



ENUNCIÇÃO ESCRITA NO GÊNERO CHARGE: UM ESTUDO SOBRE A IRONIA



WRITTEN ENUNCIATION IN THE GENRE CARTOON: A STUDY ON IRONY

KÉSIA VANESSA NASCIMENTO DA SILVA

ISABELA BARBOSA DO REGO BARROS

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 01/08/2020 • APROVADO EM 17/10/2020

Abstract

The present article discusses the irony in the charge genre through a perspective of written enunciation. We start from the assumption that irony is constitutive of language, with the cartoon being a socio-communicative process that can present this type of linguistic mechanism. The general objective is to reflect the cartoon as a textual space that makes it possible to see the individual use of the language in different ironic situations, using Émile Benveniste's conceptions for this purpose. It is a qualitative research, and that, methodologically, it consists of an enunciative analysis of four ironic cartoons in the public domain. After the analysis, it was found that irony in sarcastic texts is a way of using language and a communication tool, since it is in language and causes the emergence of subjectivity.

Resumo

O presente artigo discute a ironia no gênero charge através de uma perspectiva de enunciação escrita. Partimos do pressuposto de que a ironia é constitutiva da linguagem, sendo a charge um processo sociocomunicativo que pode apresentar este tipo de mecanismo linguístico. O objetivo geral situa-se em

refletir a charge enquanto um espaço textual que possibilita ver o uso individual da língua em diferentes situações irônicas, utilizando para tal, as concepções de Émile Benveniste. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, e que, metodologicamente, consiste em uma análise enunciativa de quatro charges irônicas de domínio público. Após a análise, constatou-se que a ironia em textos chárgicos é uma forma de utilização da língua e instrumento de comunicação, uma vez que está na linguagem e provoca a emergência da subjetividade.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Irony. Cartoon. Written statement.

PALAVRAS-CHAVE: Ironia. Charge. Enunciação escrita.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Abordar a ironia no gênero charge significa refletir um determinado recurso linguístico sobre uma forma textual comunicativa que produz inúmeros sentidos. Nessa acepção, a linguagem é concebida em seu aspecto discursivo e enunciativo, sendo este último à ênfase do presente trabalho.

O gênero charge coloca em evidência os diferentes recursos utilizados no processo sociocomunicativo, bem como a maneira crítica que trata a realidade. Além disso, possibilita uma leitura reflexiva sobre as concepções e comportamentos de cada época.

Desse modo, encontrar-se-á também a ironia, em razão de ser um recurso linguístico que não está unicamente ligado à escrita e à fala, mas também as imagens, músicas, ações, comportamentos, e, em especial, as charges. Logo, a ironia pode ser vista sob os mais diversos objetos de estudos e perspectivas, já que acontece nas diversas manifestações da língua e pode ser analisada à luz de diferentes ângulos teóricos.

Assim sendo, o respectivo estudo considera a charge enquanto texto e parte de uma análise enunciativa, em consequência de a ironia conjugar uma série de elementos na sua instauração, dentre eles o sujeito, a relação eu-tu, o tempo e o espaço que funcionam especificamente como as categorias de expressão citadas por Émile Benveniste em *Problemas de Linguística II*.

Tais categorias linguísticas aparecem apenas no exercício da linguagem, convergindo assim com o caráter pragmático da ironia, já que esta acontece inserida em um contexto de produção e recepção.

Partimos da premissa de que é “na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 2005, p. 286). Portanto, admitimos o texto escrito (charge) como uma forma de enunciação, já que se revela como um exemplo de utilização da língua, apresentando, por conseguinte, a indissociabilidade entre homem e linguagem.

2. IRONIA: ALGUMAS CONCEPÇÕES

A ironia resiste a definições fáceis em virtude de ser objeto de estudo de diversas perspectivas, como a retórica, a filosofia, a psicolinguística e a própria linguística. Em conformidade, Muecke (1995) argumenta:

A palavra ironia não quer dizer agora apenas o que significava nos séculos anteriores, não quer dizer num país tudo o que pode significar em outro, tampouco na rua o que pode significar na sala de estudos, nem para um estudioso o que pode querer dizer para outro. Os diferentes fenômenos a que se aplica a palavra podem parecer ter uma relação fraca. [...] Assim, o conceito de ironia a qualquer tempo é comparável a um barco ancorado que o vento e a corrente, forças variáveis e constantes, arrastam lentamente para longe de seu ancoradouro (MUECKE, 1995, p.22).

Nesse seguimento, Muecke (1995) salienta a diversidade de posições e funções teóricas que a ironia abrange. No entanto, é necessário que a mesma seja situada pelo estudioso, de acordo com o seu momento histórico e a finalidade que almeja alcançar durante a pesquisa.

Mateo (1995) diz que a ironia é pragmática, uma vez que surge nas relações de uma palavra, expressão ou ação com o texto ou uma situação inteira. A autora acrescenta ainda que:

A ironia verbal não é algo que pode ser reconhecido por um conjunto fixo de características linguísticas ou estilísticas: não há um tom ou um estilo irônico reconhecível. A ironia depende do contexto. Da mesma maneira que não há palavras ou expressões que sejam humorísticas por si só, mas pelo seu uso semântico ou sintático em um contexto (MATEO, 1995, p. 198).

A ironia surge mediante a presença de vários fatores, e Muecke (1995) a classifica em duas categorias (1995): ironia verbal ou instrumental e ironia situacional ou observável. Sobre a do primeiro tipo, o autor a define quando há inversão semântica, ou seja, a ironia consistiria em dizer alguma coisa para significar outra; já a do segundo tipo – situacional ou observável, residiria em situações vistas ou apresentadas como irônicas.

De acordo com Muecke (1995), a diferença entre essas classificações encontra-se no enunciado verbal, no sujeito irônico e sua intenção presentes na ironia verbal e ausentes na ironia situacional. Logo, enquanto a ironia está sendo transmitida na verbal, ela já existe na situacional.

Em seus estudos, Muecke (1995) destaca que o traço básico de toda e qualquer ironia é o contraste entre a aparência e a realidade, onde algo é aparentemente afirmado, mas a mensagem transmite um sentido completamente

diferente. Posto isto, é impossível tomarmos a ironia ao pé da letra, dado que, exige o reconhecimento de um sentido literal e de outro figurado.

Embora a ironia desenvolva-se em uma simultaneidade de significados, Mateo (1995) ressalta:

O fato de que a ironia “codifica erroneamente” ou apresenta duas realidades opostas como verdadeiras, não implica que seu propósito deva ser o de enganar: diferentemente do engano, em que o contraste entre os dois níveis pretende esconder um sentido verdadeiro, a ironia tem a intenção de ser entendida e o reconhecimento do real sentido, ou melhor, do fato que há um real sentido diferente daquele que está sendo enunciado, é essencial para obtenção do efeito irônico completo (MATEO, 1995, p.199).

Desse modo, o sujeito irônico pretende que o sentido seja percebido pelo receptor da ironia, principalmente se levarmos em consideração as inúmeras pistas presentes no enunciado, como o tópico em si e os sinais que acompanham o texto (gestos, prosódia, expressão facial). Esses fatores afetam a correta/incorrecta compreensão da ironia e são extremamente relevantes à sua tradução.

A ironia pode estar nos elementos verbais (léxico, variantes linguísticas, expressões, incongruência frasal, estilo) ou nos elementos não-verbais (gestos, prosódia, expressão facial), todavia, nosso foco reside no primeiro caso. Dessa forma, variantes linguísticas, vocabulário e determinadas expressões serão considerados como marcadores da intenção e significação irônica.

Embora textos chárgicos sejam multimodais na maioria das vezes, esta pesquisa se assenta em charges e ironias do tipo verbal, já que parte de uma perspectiva de enunciação escrita e não extratextual. Assim e para maiores esclarecimentos, Wayne Booth (1974) discute as marcas da ironia no texto escrito e identifica-os como: (1) indicações ou avisos diretos apresentados pela voz do autor (epígrafas, títulos); (2) violações de saberes partilhados (julgamentos, erros propositais); (3) contradições dentro da obra; (4) choques de estilo; (5) conflito de crenças.

Muecke (1995) diz que em textos escritos existem marcas gráficas que evidenciam a ironia, tais quais: travessões, asteriscos, reticências, léxico e até o uso de certos advérbios de intensidade como “certamente”, “verdadeiramente”, “evidentemente”. Além disso, argumenta que:

É concebível que o próprio ironista possa ser o seu único destinatário, porém, mesmo que tenha consciência de estar usando a ironia, o ironista não pode afirmar ter falado ou escrito ironicamente a não ser que tenha ‘marcado’ sua ironia como se a destinasse a um leitor (MUECKE, 1995, p.43).

Nesse sentido, quer a ironia falada quer a ironia escrita, ambas são marcadas para que seu intento irônico possa ser percebido àqueles a quem foi dirigida. Essas

marcas verbais/gráficas no gênero charge são fundamentais, visto que, serão as únicas pistas consideradas na análise.

3. O GÊNERO CHARGE

A charge é um espaço textual onde diversos recursos linguísticos e traços ideológicos residem. Ela consolida o discurso sob diferentes maneiras, conforme a ótica do chargista. Assim, trata-se de um gênero que além de discutir um determinado aspecto, instiga a reflexão e a crítica sobre a sociedade.

No Brasil e através de uma coluna intitulada “caricaturas instantâneas” do Jornal Gazeta de Notícias, Julião Machado introduz o gênero charge nos jornais, preservando “esse lugar privilegiado para a crítica e o humor político que a charge ocupa a partir de então” (TEIXEIRA, 2001, p. 30).

A charge tem suas origens na França e a palavra *charger* significa carregar, exagerar, atacar violentamente. Suas características foram herdadas do jornalismo ilustrado nos séculos XVIII e XIX e sua estrutura a partir da Idade Média e nos ateliês de pinturas dos séculos XV e XVI (NERY, 2001).

Diante disso, vê-se como as épocas exerceram uma significativa influência sobre o gênero charge. A Belle Époque, por exemplo, ocasionou mudanças de conteúdo e temática, exibindo posteriormente uma síntese de informações, uma marca da modernidade.

Assim sendo, a charge começou a desempenhar uma atividade crítica através dos personagens Zé Povo e Zeca Tatu, uma vez que possibilitaram que o gênero se libertasse de padrões e regras impostas à época. Dessa forma, variadas áreas e questões, principalmente as de cunho social, começaram a ser “tocadas” pelas charges com o intuito de expressar opiniões.

Após a chegada de André Guevara ao Brasil em 1930, o gênero charge amadureceu, pois começou a funcionar como instrumento político. Nessa fase, a charge passou a mesclar elementos verbais e não verbais, desatando-se assim do uso exclusivo da palavra.

A partir desse momento, a charge passou a ser caracterizada pelo “desapego” de uma grande quantidade de texto verbal, concebendo posteriormente a imagem como elemento linguístico. Assim, a charge começou a falar através da imagem, já que era considerado um texto que refletia sobre inúmeras questões da sociedade (TEIXEIRA, 2001).

Outra característica referente a charge diz respeito a sua temporalidade, ou seja, o interesse provisório que instaura, pois apresenta o contexto da época ao qual está situada. Desse modo, a charge envelhece, uma vez que as notícias ou os fatos retratados saem de evidência, não despertando mais o interesse o leitor (TEIXEIRA, 2001).

Consideramos o gênero charge como texto, pois é uma “unidade de manifestação da linguagem” (MARCUSCHI, 2008, p.72). Nesse sentido:

O texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir para ele, determinado sentido (KOCH, 2014, p.30).

Logo, a charge pode ser entendida como um evento escrito comunicativo onde elementos linguísticos e sociais co-atuam, tendo o sentido construído entre os sujeitos e interlocutores numa dada situação comunicativa. Segundo Beaugrande (1997), o texto não é um produto pronto e acabado, mas sim um evento que acontece mediante ao processamento de alguém, visto que os sentidos mudam conforme seus destinatários e o contexto no qual se encontram.

Na charge, ações linguísticas, sociais, ideológicas e culturais convergem-se. Além disso, há um sujeito que coloca a língua em funcionamento através da charge, e que ao fazer tal ato, insere-se na linguagem e constitui-se como sujeito em sua individualidade.

Diante disso, defendemos que a charge “desperta” uma cena enunciativa escrita, uma vez que insere dois planos enunciativos – o do locutor e alocutário e questões como subjetividade, sujeito, tempo e espaço na sua instauração, sendo assim imprescindível a sua realização.

4. DISCUSSÕES EM TORNO DA ENUNCIÇÃO ESCRITA

Embora Benveniste não tenha contemplado a enunciação escrita em suas obras, o linguista já vislumbrava abordar tal questão. Em *Aparelho formal da enunciação*, texto de 1970, Benveniste argumenta que:

Muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação. Ter-se-ia que considerar as alterações lexicais que a enunciação determina a fraseologia, que é marca frequente, talvez necessária da “oralidade”. Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita (BENVENISTE, 1989, p. 90)

Nesse sentido, é necessário que as enunciações faladas e escritas sejam diferenciadas e percebidas cada qual como singulares. Além disso, Benveniste discute que essa distinção deveria ser feita a partir do quadro formal esboçado no texto. Entretanto, qual a especificidade do texto no quadro formal proposto por Benveniste?

Sob sua perspectiva de olhar a linguagem como constitutiva do homem e das suas práticas sociais, Benveniste apresenta um caminho metodológico ao salientar

que “na enunciação consideraremos sucessivamente o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 1989, p. 83).

Assim, a análise de uma enunciação escrita parte do ato, observando o modo como o locutor se declara como sujeito e como insere o outro (interlocutor); a situação de discurso, que diz respeito ao modo como a língua é empregada, de maneira que o locutor constitui a referência no discurso e possibilita o outro correferir; e os mecanismos linguísticos, que compreendem as formas, ferramentas e funções que marcam a presença do sujeito no discurso (SILVA, 2018).

Em relação a enunciação escrita, Benveniste (1989, p. 90) diz que “esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem”. Desse modo, tem-se uma dupla cena enunciativa: o plano daquele que enuncia e dos indivíduos que se inserem como sujeitos graças a essa enunciação.

Escrever supõe a relação locutor-alocutário, no entanto, possuem estatuto diferente quando comparado a enunciação falada. Na escrita, locutor e alocutário correspondem a autor e leitor. Dessa maneira, a escrita implica também em um ato de leitura (NUNES; FLORES, 2012).

Como dito anteriormente, a enunciação escrita difere-se da falada em razão de apresentar algumas particularidades, a saber: a temporalidade de uma enunciação falada desfruta de uma simultaneidade estranha a escrita; o tempo da escrita é outro, e refere-se ao tempo da leitura. A segunda particularidade compreende as marcas, já que toda enunciação deixa marcas sobre o enunciado, e com a escrita não é diferente (NUNES; FLORES, 2012).

Essas marcas são entendidas como os índices específicos e procedimentos acessórios. O primeiro tipo comporta os índices de pessoa (a relação eu-tu, que instancia locutor e alocutário), tempo (cuja forma axial é o presente) e espaço (que situam ou designam o objeto no “aqui”). Em relação aos procedimentos acessórios, é dito que:

Consistem no aparelho de funções: a interrogação consiste em uma enunciação construída para suscitar uma “resposta”, o que pode dar-se por formas lexicais, sintáticas, partículas, pronomes etc.; a intimação contém formas que implicam ordens, como o imperativo ou o vocativo; a asserção visa a comunicar uma certeza (KNACK, 2010, p. 100).

Para mais, tem-se ainda a modalização que se caracteriza por incluir:

Os modos verbais, como o optativo e o subjuntivo, os quais enunciam atitudes do enunciador em relação ao que enuncia (expectativa, desejo, apreensão), e também formas pertencentes à fraseologia, como “talvez”, “sem dúvida”, “provavelmente”, podendo indicar incerteza, possibilidade, indecisão etc (KNACK, 2010, p. 100)

Dessa forma, cabe aos procedimentos acessórios “todas as relações de particulares de forma e sentido que se estabelecem em uma dada enunciação” (NUNES; FLORES, 2012, p. 232). Assim, a escrita suscita tanto marcas daquele que escreve quanto daqueles que o autor faz se enunciarem em seu texto.

Neste trabalho, admitimos a escrita como um ato de enunciação, uma vez que aquele que escreve se enuncia, semantizando a língua. Sendo assim, concebemos cada texto apresentando um aparelho formal de enunciação singular, em virtude de cada produção na escrita ser única e irrepetível.

Ademais, a autora Knack (2010) ressalta que:

No que se refere à análise do texto, a singularidade do ato enunciativo de leitura refuta uma interpretação definitiva dos enunciados. O próprio analista produz uma leitura única, singular e, ao buscar reconstruir os sentidos do enunciado a partir das marcas nele presentes, produz uma análise também singular. O texto sempre espera por uma interpretação – locutor e alocutário referem e co-referem (KNACK, 2010, p. 100).

Nesse ponto de vista, a charge é uma enunciação escrita, pois o sujeito que escreve tem a sua disposição o aparelho formal de enunciação. Esse, por sua vez, mobiliza e apropria-se da língua, estabelecendo relação com o outro e com o mundo via discurso, marcando na língua sua subjetividade e constituindo-se como sujeito.

5. CONTEXTO METODOLÓGICO

O corpus utilizado na pesquisa é composto por quatro (04) charges retiradas do Google Imagens. Trata-se de um banco de imagens que busca trabalhar conforme as regras dos direitos autorais e, por isso, disponibiliza uma ferramenta que permite encontrar imagens com seus respectivos autores ou site de publicação.

Em relação às charges: a primeira foi publicada pelo site “minilua”; a segunda, no site “alunos online”; a terceira, no site “humor político”; e a quarta charge, no site “pinterest”. As charges utilizadas foram creditadas em respeito ao Direito de Paternidade, uma vez que a disponibilidade das imagens por meio de banco de dados apenas significa que os direitos morais foram cedidos, possibilitando o seu uso por aqueles meios.

O critério de escolha justifica-se pela presença:

- Da ironia verbal, isto é, pelo uso da linguagem escrita para significar o oposto do que se pretendeu.
- De uma temática social. Optamos por assuntos sociais em razão de serem ênfase no mundo chágico, possibilitando, por sua vez, uma análise crítica sobre o mesmo.
- De marcadores verbais/gráficos que evidenciem a ironia nas charges.

Diante do exposto, o próximo tópico volta-se à análise das charges sob um ângulo enunciativo, considerando esse um espaço textual e as ironias presentes do tipo verbal.

6. A CHARGE SOB A LUZ DA ENUNCIÇÃO

Levando em consideração a singularidade do texto enquanto evento enunciativo, apresentamos a seguir uma análise enunciativa acerca do gênero charge, como também o caminho metodológico e as marcas discutidas por Émile Benveniste na enunciação escrita.

Posto isto, a seguinte análise baseia-se em uma charge irônica publicada pelo site Minilua:



Fonte: <https://minilua.com/simplesmenteae-ironia/>

Acesso em: 29/11/19

A partir da charge acima, observamos que o autor emprega a língua para convertê-la em discurso, de modo que se instancia como locutor e o outro como alocutário – o leitor. Nessa charge, o locutor não utiliza o (eu/nós) para se marcar no discurso, no entanto, faz o segundo personagem se enunciar no interior do texto ao dizer “sou, graças a Deus!”. Essa ação do locutor coloca em vista os índices de pessoa eu-tu, já que implantou o respectivo personagem como interlocutor (o tu) ao responder à pergunta “você é ateu?”.

Quanto a categoria de tempo, a charge apresenta o tempo presente que é compatível ao do locutor, sendo esse um sujeito que enunciou a fim de exhibir uma situação irônica. Outra marca da subjetividade dos personagens que enunciaram refere-se aos mecanismos relacionados às funções de interrogação (você é ateu?) e asserção (sim, graças a Deus!). Desse modo, os personagens constroem a forma e o sentido através de enunciações que suscitam respostas e outras que indicam certezas.

Embora o locutor não tenha se marcado no discurso como “eu”, a sua constituição subjetiva está ligada as enunciações dos personagens que insere e fazem se enunciar na charge. A asserção “sou, graças a Deus!” sinaliza o sentido irônico, uma vez que exprime um contraste entre as palavras “ateu” e “Deus”.

Conforme Wayne Booth (1974), uma das marcas da ironia no texto escrito é uma contradição dentro da obra, e é justamente esse aspecto que caracteriza a respectiva charge como irônica. Como reflete aspectos de cunho social, o locutor constitui como referência o desconhecimento acerca do ateísmo, utilizando a asserção “sou, graças a Deus!” de um personagem para compor essa referência.

Em relação à segunda charge, tem-se o seguinte:



Fonte: <https://alunosonline.uol.com.br/portugues/charge-cartum.html>

Acesso em: 29/11/19

A charge acima evidencia um locutor (autor) que postula outro diante de si alocutário (leitor). Dessa maneira, tem-se a realidade dialética eu-tu que se constitui como princípio da intersubjetividade, condição para a subjetividade.

Assim como na análise anterior, o locutor não se marca no discurso, todavia, faz com que o personagem ao enunciar “falei” se enuncie e apresente a marca do “eu”. Isso corrobora o lugar de enunciação dos personagens e a teoria de Benveniste ao dizer que a enunciação escrita estabelece dois planos enunciativos.

Ao possibilitar que os personagens enunciem através das enunciações “vai passando a carteira, caipira!” e “num falei procê que um dia o progresso chegava aqui, muié?”, o locutor exhibe as categorias de pessoa eu-tu, configurando assim a apropriabilidade do sujeito sobre o aparelho formal da enunciação.

A presença do gerúndio e pretérito perfeito na charge vai de encontro ao tempo presente do locutor, uma vez que esse se encarrega de produzir o efeito de sentido intencionado: o irônico. Para mais, o uso das funções de intimação (vai passando a carteira, caipira!) e asserção (num falei procê que um dia o progresso chegava aqui, muié?) funcionam como procedimentos pelos quais o locutor atualiza o seu discurso, tornando-o único e irrepetível.

Ao enunciar uma ordem através da intimação “vai passando a carteira, caipira!”, o personagem apresenta o índice de espaço, já que a expressão “caipira” diz respeito a uma variante linguística pertencente a zona rural. O mesmo acontece no segundo enunciado onde as palavras “procê” e “muié” corroboram para o mesmo objetivo, demarcar o espaço através de uma marca linguística.

A presença da ironia verifica-se pela escolha vocabular da palavra “progresso”, isto é: o progresso ao qual o personagem se refere é a chegada de um

assalto ao espaço onde vivem. Nesse sentido, o locutor tece o sentido irônico na charge ao passo que discute a questão da violência.

Tal crítica a violência configura-se como referência da charge, sendo os personagens de um assaltante e um casal de caipira os elementos que constituem essa cena enunciativa. Argumentamos que as enunciações mobilizadas pelo locutor no interior da charge são marcas da sua subjetividade e trilham o caminho da singularidade.

Diante do exposto, parte-se agora a terceira charge:



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br/tag/vender-sem-nota/>

Acesso em: 29/11/19

Através dessa charge, o locutor integra forma e sentido para colocar a língua em funcionamento. A presença dos pronomes demonstrativos “esses” e “este” no enunciado do personagem cumprem o papel de índices de ostensão que são termos que “implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo” (BENVENISTE, 1989, p. 89).

Mais uma vez, o locutor se instancia enquanto sujeito e o outro – alocutário no discurso, confirmando a subjetividade na linguagem. Apesar de não existir a marca do locutor através do eu/nós, este se insere pelas enunciações dos dois personagens presentes na charge.

As enunciações dos indivíduos no interior do texto estabelecem a díade eu-tu, premissa fundamental na teoria benvenistiana. Além desse aspecto, a expressão “país do caixa dois” exerce a função do índice de espaço, uma vez que retoma o Brasil pelas inúmeras notícias de práticas financeiras ilegais.

Quanto a categoria de tempo, observamos o pretérito perfeito nas enunciações dos personagens na charge. Tal categoria vai de encontro ao tempo presente do locutor (autor) que se enuncia para evidenciar os acontecimentos: a indignação de um dos personagens em relação a situação política do Brasil e a sua posição corrupta quando indaga “com ou sem nota”.

As funções sintáticas representadas pela asserção “esses políticos safados, corruptos ... este é o país do caixa dois” e interrogação “quanto foi o serviço?”, “com ou sem nota?” são os procedimentos acessórios e indicam os modos como as formas estão combinadas no discurso. Desse modo, configuram o aparelho formal da enunciação e referem algo novo a cada vez que são enunciados.

Compreendemos a ironia a partir de uma contradição no interior da charge, sendo essa caracterizada pela indignação do personagem e em seguida por uma pergunta improcedente. Esse efeito irônico demarca a subjetividade do locutor e constitui a situação do discurso.

A partir dessa cena enunciativa, o locutor exhibe a referência da presente charge: a dissimulação de valores de um dos personagens, que ao criticar a classe dos políticos e o próprio país, acaba utilizando os mesmos princípios dos anteriores. Nesse sentido, tem-se uma crítica que reflete sobre as “imposturas” da atual sociedade, confirmando assim o caráter analítico do gênero charge.

A quarta charge foi publicada no site “pinterest” e evidencia o seguinte:



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/446700856770181531/?lp=true>

Acesso em: 29/11/19

Assim como nas charges anteriores, o locutor mobilizou a língua por um ato individual e ao fazer tal feito, se inseriu enquanto sujeito e implantou o outro diante de si – o alocutário. Essa relação entre eu-tu define-se a cada instância e exhibe uma gama de indicadores da dêixis que se organizam em torno do eu, sempre se instanciando no momento da enunciação (KNACK, 2010).

Nessa charge não há marcas pessoais do locutor, todavia mobiliza o pronome pessoal “eu” do personagem padre para constituir as formas específicas de pessoa, constituindo, assim, a situação do discurso, criadora de referência. Tal ação corrobora a especificidade da enunciação escrita, uma vez que o autor ao “escrever se enuncia e faz os indivíduos se enunciarem no interior de sua escrita” (BENVENISTE, 1989, p. 90)

Curioso ressaltar que, o tempo no qual a charge se encontra é o presente, o mesmo tempo no qual o locutor carregou os efeitos de sentido dos eventos: declarar os personagens como marido e mulher e solicitar que ambos atualizem seus status no Facebook. Assim, sua subjetividade está relacionada ao modo como engendra as formas do discurso, semantizando-as.

Quanto a palavra *facebook*, percebemos que esta atua como um indicador de espaço, já que registra o local onde os recém-casados podem atualizar seus status. Logo, o locutor situa a sua crítica nesse espaço, entendendo-o como uma estrutura social onde as pessoas tem apego e dependência.

Assim, o termo *facebook* tem uma dupla funcionalidade, pois evidencia tanto o espaço onde acontece o evento enunciativo quanto a referência da situação, sendo esse último aspecto caracterizado pelas mudanças nas relações sociais ocasionados pelo advento da Internet e conseqüentemente das redes sociais.

Os enunciados “eu vos declaro marido e mulher!” e “podem atualizar seus status no Facebook!” revelam a função intimista e, portanto, o mecanismo utilizado para constituir o aparelho formal de enunciação, que sintetiza muitos dos conceitos defendidos por Benveniste.

O sentido irônico é construído através de um choque de estilo, isto é: o enunciado “podem atualizar seus status no Facebook” quebra a frase padrão “pode beijar a noiva”. Portanto, o locutor utiliza um dado sinal para salientar a ironia e exibir o seu ponto de vista de vista: uma relação de dependência aos adventos virtuais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partir de uma perspectiva de enunciação escrita significa considerar as particularidades do texto que o singularizam e o complexificam como já apontava Émile Benveniste.

Embora a teoria da enunciação não tenha se debruçado em uma análise textual, compreendemos que os seus conceitos-chaves permitem refletir o objeto texto, contribuindo assim com o campo enunciativo, uma vez que parte da intersubjetividade como pressuposto.

As análises evidenciaram que a escrita comporta dois planos: as enunciações do autor e dos personagens no interior da charge. Essas enunciações instauram uma dupla cena enunciativa e envolvem “o próprio ato, as situações em que ele se realiza, e os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 1989, p. 89).

O próprio ato da escrita supõe a presença do locutor e alocutário, correspondendo a autor e leitor. Ressaltamos que, apesar do locutor não se ter marcado no discurso - através de eu/nós, este se instanciou na língua quando no seu tempo presente carregou os efeitos de sentido dos acontecimentos nas charges.

As críticas presentes nas charges justificam a semantização da língua pelo locutor. Desse modo, trata-se uma pesquisa que defende o gênero charge enquanto um espaço textual que se renova a cada enunciação, concebendo o texto escrito como possibilidade de significação.

Referências

BEUAGRANDE, R. **New Foundations for Science of text and Discourse**: Cognition, Communication and Freedom of Access to knowledge and Society. Norwood, 1997

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.

KNACK Carolina. **Enunciação e estudo do texto**: um esboço de princípios e de categorias de análise. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATEO, M. (1995). **A tradução da ironia**. Meta, 40 (1), p. 171-178

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NERY, L. **Charge**: cartilha do mundo imediato. RevistaSemear, Rio de Janeiro, RJ, vol. 7, (2001). Disponível em http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/revista/7Sem_10.html. Acesso em 02 de fevereiro de 2019.

NUNES, Paulo Ávila; FLORES Valdir do Nascimento. **A especificidade da enunciação escrita em textos acadêmicos**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 8 - n. 1 - p. 235-252 - jan./jun. 2012

SILVA, Carmem Luci da Costa. **O estudo do texto em uma perspectiva de linguagem**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

TEIXEIRA, L. G. S. **O traço como texto**: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

BOOTH, W. C. **A Rhetoric of Irony**. Chicago/London: University of Chicago Press, 1974.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014

Para citar este artigo

SILVA, K. V. N. da.; BARROS, I. B. do. Enunciação escrita no gênero charge: um estudo sobre a ironia. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 188-202.

As Autoras

KÉSIA VANESSA NASCIMENTO DA SILVA é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (UNICAP). É graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP, 2018).

ISABELA BARBOSA DO REGO BARROS possui doutorado em LETRAS pela Universidade Federal da Paraíba (2011), mestrado em Ciências da linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (2006), especialização em Psicomotricidade pela Universidade Cândido Mendes (2001) e graduação em Fonoaudiologia pela Universidade Católica de Pernambuco (1998).